

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A REVOLUÇÃO CATÓLICA:
AS MUDANÇAS DO CONCÍLIO VATICANO II PARA A
IGREJA CATÓLICA**

JEFESSON FRANCIARLLY FARIAS DE ANDRADE

**CAMPINA GRANDE
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A REVOLUÇÃO CATÓLICA:
AS MUDANÇAS DO CONCÍLIO VATICANO II PARA A
IGREJA CATÓLICA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade Federal de
Campina Grande, em cumprimento às exigências
para a obtenção do título de graduado em História.

JEFESSON FRANCIARLLY FARIAS DE ANDRADE

**A REVOLUÇÃO CATÓLICA:
AS MUDANÇAS DO CONCÍLIO VATICANO II PARA A
IGREJA CATÓLICA**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**A REVOLUÇÃO CATÓLICA:
AS MUDANÇAS DO CONCÍLIO VATICANO II PARA A
IGREJA CATÓLICA**

JEFESSON FRANCIARLLY FARIAS DE ANDRADE

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Marcos Leitão Santos
Orientador

Prof. Dr. Severino Cabral Filho
Examinador

Elton John da Silva Farias
Examinador

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	XX
Resumo.....	XX
Introdução.....	XX
CAPÍTULO I	
Das fontes e sua abordagem.....	XX
CAPÍTULO II	
Fé, resistência, conservação e ordem: Uma leitura local do concílio vaticano II..	XX
2.1.O <i>Dominus Vobiscum</i> e a defesa da fé católica.....	XX
CAPÍTULO III	
Do Vaticano a Boqueirão: Os debates das mudanças na igreja católica.....	XX
Considerações finais.....	XX
Fontes.....	XX
Referências bibliográficas.....	XX

RESUMO

Entre 1962 e 1965, no Vaticano, acontecia um concílio da igreja Católica para discutir os novos paradigmas que deveriam ser introduzidos na instituição. Naquele momento, muitos de seus membros regulares acreditavam que a forma como eram organizados as celebrações católicas, em especial à missa, deveria passar por formulações estruturais para adaptar aos novos tempos. Grande parte do bispado católico percebia nos costumes vigentes na época uma forma que pouco atraía e interessava os fiéis a irem a suas igrejas.

Missas celebradas em línguas vernáculas, a celebração ser voltada para os ouvintes e não mais para o altar, como era típico antes do concílio Vaticano II, louvores não mais gregorianos e sim mais aproximado de músicas populares e com instrumentos que eram típicos desse tipo de música (violão, atabaques, baterias, dentre outros), a criação de pastorais, grupos de católicos, não regulares, assistidos por padres que visavam aproximar a igreja da comunidade, tanto na utilização da mão-de-obra leiga como voltando para esses. Foi com esse tipo de mudanças que a igreja católica passou por uma transformação radical na forma de seus ritos no início da segunda metade do século XX.

Nem todos os membros católicos aceitaram as mudanças introduzidas pelo concílio Vaticano II. Para alguns seguidores aquilo que foi proposto pelos conciliares ia de contra a tradição católica por isso deveriam ser repensadas e até mesmo retiradas das celebrações pois não condiziam com a tradição.

A partir desses posicionamentos surge um embate entre os católicos tradicionais, defensores da retomada do catolicismo antes do Vaticano II e os reformistas, que acreditam que as mudanças devam permanecer para não afastar os fiéis dos cultos católicos.

É a partir desse embate que católicos tradicionais de Boqueirão criam um jornal para defender seus ideais e tentar tornar conhecidas. Com as publicações do periódico *Dominus Vobiscum* eles produzem textos questionando a igreja Católica e expondo a sua posição contrária a igreja reformada, tentando sensibilizar os fiéis a sua posição.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, as pessoas que foram os grandes responsáveis por tudo o que pude fazer na minha existência. A minha esposa Ana Paula, meu porto seguro, quem segura todas as barras no final das contas.

A Nikson e Fábio, típicos irmão, e dois grandes ídolos. Meus avós, Teresa e Fernando por serem meus segundos pais e tia Marilene por ser minha terceira mãe.

A tia Zefinha por seu eterno carinho. A Freud por ser o responsável pela inspiração que me fez estudar História. A Golbery e Roberta por ter me ensinado o significado da palavra amizade.

A Elizabeth, Fabricio, Marcelo, Guinaldo, Nayra, Wilky, Edilson “nego bode”, Erivaldo, Selminho, Guilherme e a todos meus amigos por tudo que fizeram por mim.

Aos colegas da universidade Deusimar, Thomas, Débora, Tatiane, Rômulo, Cristina, Valdirene, Pablo, Brínel, Ivone, Taís, Tatiane de mecânica, Rômulo, Vanga, André Bandeira, Anne Micheline, Teresa, Isabelle, Ingrid Bergman, Robson Elias e a todos que passaram por minha vida e deixaram saudades.

A Maxwell e Jâmerson por serem irmão que descobri no decorrer da vida.

Aos professores do meu curso que contribuíram de forma singular para que pudesse ser aquilo que sou hoje, que pelos menos eu me orgulho muito disso e em especial a João Marcos, que foi exemplo de orientador e de pessoa paciente, minha eterna gratidão.

A Cabral e Elton John, por terem aceitos participarem da apresentação desse trabalho, principalmente a John, um amigo que fiz nesse tempo de graduação.

Por último e não menos importante a Deus, força que acredito está presente em tudo nesse universo.

INTRODUÇÃO

Entre 1962 a 1965 ocorreu um evento definidor para Igreja Católica Apostólica Romana contemporânea, um Concílio Universal, o Concílio Vaticano II. Esse Concílio foi pensado para poder fazer algumas mudanças dentro da igreja em busca da sua renovação, por conta que essa instituição estar, entre outras coisas, perdendo parte de seus fiéis para as igrejas evangélicas e por conta de seu culto não ser suficientemente atrativo para grande parte de seus seguidores, pois a Igreja Católica conservava um rito secular de liturgia.

A perspectiva que fizemos nesse estudo foi de tentar perceber a partir de uma história de cunho social e político, como as mudanças feitas pelo Concílio Vaticano II para a Igreja Católica não ficou apenas em condição retórica da sua universalidade, ultrapassou essa perspectiva *macro* chegando até um grupo de cristãos na cidade de Boqueirão, Paraíba, que mostravam percepção das mudanças, mas numa forma a resisti-las.

Com a publicação de um jornal *Dominus Vobiscum*, fonte desta pesquisa, produzido por este grupo que combatia as mudanças na igreja feitas pelo Concílio, doravante Grupo Vobiscum, por acreditarem que essas eram contrárias a tradição da igreja. Por ser centrada não apenas na Bíblia, mas também na tradição eclesiástica, o grupo que editava o periódico gostaria que o Papa revisse algumas das mudanças feitas pelo referido Concílio.

Um dos pontos mais batidos por esse grupo é a liturgia da igreja, pois antes ao Vaticano II essa era voltada apenas para Jesus Cristo. O Padre celebrava a missa de costas para o povo, voltado para o altar e os fiéis não participavam de forma ativa da missa, mas apenas a assistia; todo o ritual da missa era celebrado em latim, inclusive os cânticos que eram conhecidos como sacros, onde apenas tinha-se, em regra, um órgão sendo tocado e acompanhado por um coral, nas igrejas que o possuíam.

Para os reformadores do Vaticano II, dever-se-ia simplificar esse rito para tornar mais fácil para o entendimento dos fiéis, a missa deveria contar com a participação do povo, sendo esse elemento central no novo modelo litúrgico, pois agora participariam de forma intensa, cantando, co-celebrando e em outras partes da igreja que não apenas a missa.

Surge nesse momento o conceito de *cristão ativo*, a pessoa que tem funções dentro da igreja auxiliando o clero, especialmente em pastorais, pois uma das mudanças mais significativas do Concílio foi à abertura da igreja para a sociedade, aliás, esse também foi seu objetivo maior.

Por considerarem os bispos conciliares a igreja distante de seu povo, eles decidiram fazer essas mudanças para se adequar ao tempo em que se estava vivendo. Nesta perspectiva as pastorais favoreceram a organização de uma dimensão na Igreja Católica chamada de “socio-transformadora”, na qual a prática mais comum é a criação de políticas sociais para o auxílio das pessoas mais carentes.

No entanto, essas mudanças produzidas pelo Concílio Vaticano II não foram igualmente aceitas por todos os membros da instituição. Desde a década de 1960, quando se realizou o Concílio, alguns membros resistiram às alterações que estavam sendo feitas na instituição. Um exemplo é o padre Pio de Pietrelcina, que no momento que percebeu as mudanças na liturgia, pediu a autorização ao Papa para continuar celebrando no rito anterior ao modelo oriundo do Concílio.

Além desse religioso, o grupo *Vobiscum*, também foi outro núcleo dos que resistiram as alterações feitas na igreja. Esse grupo, porém, não é constituído por membros do clero, mas por fiéis leigos, que por acreditarem que algumas dessas mudanças fizeram mal a Igreja Católica resolveu combatê-las a partir da publicação do jornal.

Seguindo as idéias de Aline Coutrot (2003), é esse tipo de cristão que mais nos interessa na compreensão histórica das práticas sociais, o cristão comum, leigo. Queremos investigar como essas idéias chegaram até eles, como podem recriar uma discussão política da década de 1960 no interior à Igreja Católica, a partir de elementos externos a ela e promovendo do debates dessas idéias contemporaneamente.

Segundo a mesma autora, a relação entre história e política é algo perfeitamente possível de ser reconhecida, e nós tentaremos perceber essa relação dentro da Igreja Católica, na configuração que tomou o debate político que remontou ao conjunto de mudanças dessa instituição, a partir do Concílio Vaticano II, e como isso se processa até essa década em Boqueirão, sobretudo, a partir da afirmação de André Bieler que “toda Religião induz a política; e toda política oculta uma crença” (BIELER, 1999, p. 22).

Procuraremos fazer esse nosso estudo centrado em documentos da Igreja Católica sobre o Concílio, pois assim podemos perceber a natureza desses debates a partir de seus contextos e das propostas conciliares. Também tomamos como fontes para a análise as publicações dos jornais *Dominus Vobiscum*, para tentarmos perceber como a resistência as mudanças encontrou respaldo dentre desse grupo.

Outra fonte para a nossa pesquisa foi o livro de tombo da paróquia de Boqueirão, onde podemos perceber como os padres dessa cidade assimilaram a nova época para a igreja, como eles a punham em prática e como isso poderia ser notado dentro da sociedade boqueirãoense.

Um aspecto que buscaremos nesse estudo é perceber como tudo isso vai se refletir na sociedade, a partir do estudo desse grupo organizado em torno *Dominus Vobiscum* que tenta influenciar os fiéis católicos a seguirem com a corrente católica defendida por eles, em defesa da tradição contra a modernidade trazida pelo Concílio Vaticano II.

I

DAS FONTES E SUA ABORDAGEM

Desde as proposições da renovação histórica, que colocou o homem como seu objeto, estabeleceu-se implicitamente a construção de uma história social, uma vez que o homem não pode ser apreendido fora das formações sociais às quais pertence. A história do homem em seu grupo social, numa sociedade em movimento, conforme nos ensinava Cardoso (1983).

O objetivo então que reclama o método de uma história social é a busca tem como pressuposto que “o homem em sociedade constitui o objeto final da história...” construído através de “articulações verdadeiras” que conduzem à compreensão das “relações significativas que nos fazem entender a totalidade de uma sociedade” como defendia George Duby.

Objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade. Se fossemos definir de forma imediata a qual profissão estão ligados esses adjetivos, sem muito pensar, associaríamos ao jornalismo. Se ouvirmos um discurso de um jornalista profissional perceberemos que essas qualidades devem estar presente no “*metié*” dos jornalistas.

Os historiadores também carregavam essas qualidades como uma bandeira durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, além da exigência por um distanciamento suficiente do seu próprio tempo. Por essas características citadas, os historiadores só passaram a utilizar os períodos como fonte de estudos a partir das mudanças teórico-metodológicas e de fontes que ocorreram com os estudos da história no século XX, nas quais a história imediata, ou do presente é uma das novas abordagens valorizada de método da história.

Durante o século XX e as décadas anteriores a terceira geração da Escola dos Annales o modelo de história privilegiada pelo “cânone” historiográfico era a “história dita positivista, históricos deveriam ser neutros, objetivos, oficiais, dentre outros atributos, além de manter certo distanciamento temporal para o fato estudado.

Por exigir esses atributos para seus estudos, os jornais, como outros periódicos, não eram vistos como fontes confiáveis para os historiadores. Segundo a historiografia positivista, os

periódicos eram uma escrita parcial, onde interesses políticos e de patrocinadores, que influenciavam no conteúdo das publicações.

Outro ponto que era visto de forma negativa entre os positivistas era o distanciamento temporal, exigências dos historiadores ligados a antigas fórmulas metodológicas para dar neutralidade em relação ao fato estudado, pois os periódicos tinham uma escrita voltada para fatos recentes, ou o que chamamos de história do presente.

Esse estudo pode ser enquadrado nesse modelo historiográfico, que ganhou espaço na historiografia após a terceira geração dos *Annales* na qual graças à diversificação dos métodos de se escrever história e de se pesquisar, além da influência de outras flutuações sociais na produção histórica, passou a ser aceitável escrever temas temporariamente próximos da época vivida pelo pesquisador.

A pesquisa de periódicos é uma das fontes privilegiadas para o estudo da história do presente, e esta é uma das razões por termos escolhido esta fonte para nos servir de material de análise para a realização de nossas pesquisas.

Um dos grandes dilemas dos historiadores é o enquadramento de sua escrita em uma das escolas históricas aceitáveis em sua época. De forma generalizante, enquadraríamos esse estudo no que chamaríamos de história política, tanto pela problemática estudada quanto pela temporalidade, que na história que privilegia o político.

No entanto, como afirma René Rémond (2003), a forma de estudarmos política é diferente da história positivista, pois não seguimos o modelo factual nem produzimos uma história subjetiva, psicologizante e idealista, como Rémond afirma ser o modelo positivista de escrita histórica. Segundo o mesmo autor hoje se impõe a necessidade de liberar a história política de características dadas a ela como factual, subjetiva, psicologizante e idealista.

A valorização de jornais e revista como sendo fontes de estudo histórico, no Brasil, se verifica, por exemplo, em Gilberto Freyre, Fernando Henrique Cardoso e outros estudiosos da sociedade, que utilizavam dessas escritas para suas pesquisas. Segundo Tania Regina de Luca, em seu texto, *História dos, nos e por meio dos periódicos* (2005), um grande entrave para o uso dos periódicos como fonte histórica, era o medo dos pesquisadores em usá-los de forma ingênua, sem perceber as influências políticas, econômicas, culturais por traz da escrita destas fontes.

Quando nos disponibilizamos a estudar um jornal temos que estar atentos a não nos prendermos apenas aos textos publicados por esse, mas ao todo que o compõem, desde a formatação, a escolha de seus temas, as imagens, tudo isso nos diz um pouco das intenções de

que o publica. Um dos pontos que deve ser analisado é a ligação do periódico com os seus patrocínios, pois muitos dependem disso e por esse motivo se submetem a interesses de outros para poderem ter sua renda assegurada. No caso do *Dominus Vobiscum* isso não acontece por ser um jornal financiado por um grupo de católicos que não cobram pelo produto e só publicam matérias que possam contribuir para a finalidade deles, a retomada de um cristianismo dito tradicional.

“Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a explicação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser excluída do texto da imprensa.” (De Luca, 2005, p. 139)

Seguindo o pensamento de Tania Regina de Luca, a nossa grande intenção é perceber nesse estudo quais as influências, os interesses, os discursos que permeiam as publicações do jornal *Dominus Vobiscum* e como a política religiosa da igreja Católica, evidenciada no Concílio do Vaticano II contribuiu para a formação dessa linhagem de pensamento seguido pelos editores do jornal, que é, segundo Tania Regina, “um projeto coletivo, por agregar pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.” (2005, p. 140)

Dominus Vobiscum

Publicação mensal, particular e gratuita, o *Dominus Vobiscum* é um jornal exclusivo de defesa dos ideais católicos. No entanto é bom salientar que não é de qualquer idéia católica, mas ditas tradicionais, especialmente as pré-conciliares ao Vaticano II. O grupo de pessoas que o editam e escrevem são os católicos tradicionais, pessoas que se identificam com as “ideologias” do catolicismo voltado principalmente para o campo espiritual do indivíduo, salvação da alma, e não com preocupações centrais com a melhoria dos humanos no campo terreno, ou “salvação” social dos homens/mulheres.

Com esse propósito o jornal é divulgado em três cidades, Boqueirão – cidade natal do Jornal-, Caturité e Barra de Santana. A distribuição acontece de “mão em mão”, nas casas das pessoas, como no folhetim que corre as ruas defendendo suas idéias. O *Dominus Vobiscum* é semelhante a um folhetim, pois além de ser um jornal de política religiosa, dentre outros temas

religiosos, é produzido com o intuito de fazer as pessoas, especialmente cristãos, reverem suas idéias em relação ao catolicismo.

A imprensa confessional é uma experiência conhecida universalmente em qualquer formação social, neste caso, paradoxalmente, reflete a abertura dada aos leigos nos debates e celebrações da Igreja Católica, concedidos a esses inclusive, como desdobramentos do Concílio Vaticano II. Isso fez que fosse possível, a existência da publicação estudada.

É interessante atentarmos para o fato de certa contradição no jornal, não na sua postura ou idéias quanto às modificações, na Igreja Católica, decorrentes do Vaticano II, mas de colocar-se ele mesmo respaldado nas mudanças desse Concílio para justificar sua existência. Se analisarmos os documentos conciliares percebemos como os clérigos “convocam” os membros da Igreja católica para participarem de suas ações mostrando como a instituição precisava da ajuda de seus fiéis para existir – lembrando sempre que um dos motivos provocador do Concílio Vaticano II, foi a diminuição dos membros da instituição e a necessidade de uma reforma que pudessem deixar as suas celebrações mais atrativas e próximas dos leigos e o *Dominus Vosbicum*, surge a partir da liberdade dada aos católicos por seus sacerdotes para uma continuação da sempre presente “ação missionária” cristã.

“Nascido” por conta das mudanças permitidas e instituídas, na Igreja graças ao Vaticano, II, a crítica, senão todas, mas a maior parte voltam-se a essas mudanças, como o principal a tema dos textos desse jornal.

O *Dominus Vosbicum* trata de temas principalmente ligados a liturgia católica. Várias de suas reportagens têm como ponto central as doutrinas da Igreja Católica. São montadas entrevistas, a partir de textos, de “grandes” personagens da Igreja como, por exemplo, Frei Damião de Bosano. São publicados textos retirados da internet sobre temas que os editores acreditam serem relevantes para o conhecimento dos leitores, além de textos escritos pelos próprios católicos que publicam o jornal.

Um fato chama a atenção, não há a assinatura em nenhum dos textos escritos pelos membros do Jornal. Os textos copiados da internet, são identificados com a bibliografia, nas entrevistas montadas são citados o nome e livro de onde retirados as respostas das questões levantadas pelo jornal, no entanto um questionamento se faz necessário, o porquê da não assinatura nos textos? É interessante percebermos que é um grupo de pessoas católicas tradicionais, claramente defensoras de suas idéias cristãs que, no entanto não se propõem em registrar a autoria e seus textos.

Uma das maiores bandeiras, e tradicional, dos Católicos, é a humildade. Essa pode ser a resposta ao questionamento feito acima, buscam a humildade tão pregada por Cristo e seus

seguidores. Porém, o medo, a exposição, o “dar-a-cara a tapa”, pode ser outra resposta que se encaixa na questão levantada. Não nos cabe aqui julgar, mas indagar sobre o jornal e o seu enfrentamento as decisões conciliares.

O *Dominus Vobiscum* é defensor do Catolicismo tradicional, no entanto, não está preocupado apenas com a liturgia ou salvação da alma dos fieis, mas com alguns aspectos sociais. Foi publicado na IV edição do jornal (2009, p. 5) reportagem sobre aborto, sobre a presença do latim na atualidade, sobre temas que estão para além da fé, ou seja, cai na participação social tão defendida pelos textos do Concílio Vaticano II em seus documentos.

São trazidas reportagens também que evidenciam um posicionamento mais anti-secular do *Dominus Vobiscum*. O grupo é contrário a práticas que se podem a partir das leituras do periódico, como o ecumenismo praticado atualmente no âmbito social e individual, no qual membros da Igreja Católica participam de celebrações com outras igrejas não Católicas e admitindo a idéia que a salvação encontra-se também em outras tradições cristãs, algo que contradiz com o defendido pelos católicos tradicionais que acreditam ser a Igreja Católica o único lugar onde pode ser encontrada a salvação, enquanto instituição religiosa terrena.

É interessante reconhecer a não percepção dos membros da Igreja, que se alinham numa vertente tradicionalista, sob a influência que fatores não ligados imediatamente a fé, e sim considerado materiais têm sobre sua vivência religiosa. O comum entre seus membros é a afirmação da santidade da Igreja, porém, as mudanças conciliares foram adotadas, pressupõe-se, para uma melhor adequação da instituição, o que serviria de justificativa para os atos inovadores mais próximo de postulações associadas ao laicismo.

O jornal *Dominus Vobiscum* foi concebido para combater essa “modernização” Católica. Segundo os editores, os três objetivos da publicação são: 1-Defender a fé Católica dos inimigos da Igreja, protestantes, principalmente; 2-Combater o relativismo do mundo moderno; 3-Alertar para o fato que dentro da Igreja existem pessoas que querem dividi-la estimulando sua aproximação com as práticas do mundo moderno. Esses são os opositores abertos e declarados do Jornal.

É interessante lembrarmos que no documento conciliar do Vaticano II, Decreto *Inter Mirifica* sobre os Meios de Comunicação Social, é ponto de partida doutrinal com normas claras, no qual os conciliares viabilizaram, uma fórmula de consentimento para o desenvolvimento de uma imprensa católica, inclusive a criação e circulação de informativos como o *Dominus Vobiscum*.

Apesar de serem católicos tradicionais, os escritores do Jornal, utilizam-se desse consentimento do concílio Vaticano II para respaldarem a sua publicação. A partir disso faz-se

necessário um questionamento: O que é ser católico tradicional? Em uma descrição do senso comum, segundo aparece nas próprias linhas do jornal, a idéia está associada com os católicos que tem como “princípios cristãos sólidos”, seguindo os preceitos determinados pela igreja Papa e contestadores de mudanças produtoras de novidades ou “modernidades” na Igreja que, segundo eles, não conduzem com as práticas seculares e legítimas da instituição.

Esses católicos criticam e buscam alterar as mudanças produzidas pelo Concilio Vaticano II, pois, segundo eles, essa reunião “ecumênica” foi concebida para instituir mudanças prejudiciais as tradições católicas, como por exemplo, o próprio ecumenismo, algo incompatível para a Igreja, pois só nela instituição é possível encontrar a salvação.

Essa é uma das bandeiras do *Dominus Vobiscum*, a idéia de exclusividade católica com instrumento de Deus na Terra. Por isso, o embate com as igrejas protestantes é algo presente neste folhetim. Uma das críticas dos editores do jornal é que a missa hoje está bem parecida com os cultos dos protestantes, e isso, segundo eles é prejudicial à sacralidade católica.

Os dogmas e axiomas são as formas como os editores do jornal sustentam idéias de épocas passadas como válidas para a atualidade, assim, através do engessamento dos costumes as tradições são mantidas.

II

FÉ, RESISTÊNCIA, CONSERVAÇÃO E ORDEM UMA LEITURA LOCAL DO CONCÍLIO VATICANO II

As mudanças que o Vaticano II introduziu na Igreja Católica tinham como uma de suas principais funções diminuir as distâncias do clero com os fiéis. Apesar de alguns membros da igreja pregarem que no Concílio foram mantidas as tradições da instituição, mudanças significativas foram feitas.

A mudança da língua da liturgia foi algo que causou grande mal-estar entre os setores mais tradicionais da igreja. Desde o seu surgimento os católicos tinham como língua mãe o latim, por conta de suas raízes associadas ao Império Romano. Em 1962, quando iniciou o Concílio, como já afirmado, por ser uma assembléia pastoral e não de formação de heresias, ela direcionou a igreja a uma abertura aos novos tempos que tinha como característica a aproximação aos fiéis e deixando em plano secundário uma de suas características secular, o espiritualismo voltado para a salvação do espírito.

É nesse contexto de abertura e debates de doutrinas que podemos enquadrar o jornal que nos serve como fonte de estudo para a compreensão de como o Vaticano II influenciou na religiosidade de um grupo católico em Boqueirão. No entanto, o jornal, *Dominus Vobiscum*, temporalmente, está distante da época conciliar, mas resgatou esse debate para a atualidade, sendo este um testemunho da influência da religião, e em especial do debate religioso, dentro desse espaço localizado e bem distante dos debates ocorridos em sua origem.

O Concílio foi pensado para aproximar a Igreja de seus membros, por conta de alguns fatores considerados desvios ou heresia modernista, como afirmava Papa Pio X, que mesmo sem realizar o Concílio, desejava-o, para rever o posicionamento da instituição no tempo que viviam. Nessa época, outro inimigo que provocou a igreja a essa reação conciliar foram os socialistas e comunistas que criticavam a igreja, além aumento do movimento evangélico.

O rito tradicional da missa católica era tido para os defensores da mudança como algo que afastava os fiéis, pois assim como é comumente declarado pelo clero, a missa é um sacrifício, porque era voltada para o Cristo, como insistia o Papa Paulo VI, e sem o envolvimento direto dos fiéis presentes. Por ser considerado por muitos inovadores um rito “maçante”, eles

fizeram mudanças que o aproximavam dos cultos protestantes, e isso causou a rechaça dos tradicionalistas a essa nova prática litúrgica.

2.1.O *DOMINUS VOBISCUM* E A DEFESA DA FÉ CATÓLICA

Foi em 2008 que surgiu em Boqueirão, Paraíba, um grupo de pessoas que procuram chamar a atenção da Igreja Católica para os problemas que ela passava, como eles o entendiam e expõem na primeira edição do periódico:

Inicialmente, nos identificamos como um grupo de jovens católicos, do município de Boqueirão, PB, bastante preocupados com a triste situação pela qual vem passando a Igreja de Cristo nessa 'modernidade traiçoeira' e anti-Cristã. Nosso objetivo principal é, num primeiro momento, (1) defender a fé católica dos inimigos da Igreja, entre os quais figuram os seguidores do heresiarca Lutero, (2) combater o relativismo do mundo moderno (a exemplo das afirmações de que qualquer igreja é verdadeira, de que o aborto é uma prática legítima, entre outras) e (3) alertar para o fato de que dentro do próprio seio da Igreja existem pessoas que se assumem "católicas". Mas que, na verdade, são modernistas disfarçados, com o único propósito de dividir a Igreja, fragilizando-a, até o ponto a que ela se torne semelhante ao mundo (com suas relativizações) e aos grupos protestantes (com seus cultos artificiais, e sem presença de Cristo vivo nas celebrações, ou seja, sem a hóstia). (IGREJA, 1967, p. 108).

Já na sua primeira edição o grupo *Vobiscum*, que se auto-classifica como tradicionalista, a partir das idéias defendidas em suas publicações, deixa transparecer quais são os seus interesses para com esse periódico, o combate a práticas internas e externas a Igreja Católica que possam tornar essa semelhante ao "mundo".

A discussão acerca de uma tipologia do catolicismo brasileiro pode ser verificada em Camargo (****) que distingue dois modelos paradigmáticos: tradicional e internalizado, deixando margem para um fenômeno de centro. A possibilidade de distinguir assim o catolicismo brasileiro sustenta-se na diversidade dos modos de orientação da conduta e na formação dos valores religiosos.

Camargo aponta cinco características do catolicismo tradicional, das quais duas, a nossa investigação permite constatar no grupo *Vobiscum*: estar fundado nos costumes e legitimado na

tradição e uma acentuada sacralização e rigidez da conduta religiosa e da conduta social como legitimação religiosa.

Todavia, o nosso segmento estudado não parece completamente fechado ao hibridismo com a tipologia do modelo internalizado, porque nele se verifica a tensão entre os valores religiosos conscientes e o sistema de valores predominante na sociedade, atributo deste modelo.

A tipologia proposta indica distinções funcionais da religião e os tipos de sociedade que lhe são correlatas. Numa sociedade tradicional a religião tende a ser tradicional; e internalizada naquelas sociedades em processo de mudança “quando na controvérsia axiológica e normativa necessariamente emergente se reativa a consciência valorativa e reformula-se a constelação de valores e conhecimentos religiosos” (CAMARGO, ****, p. 8) e que tem a sua contra-face esta no papel das ideologias religiosas operando como alternativas concretas a vida dos indivíduos e dos grupos sociais, condicionando a própria organização social, sendo a recusa de outros sistemas religiosos, por exemplo, uma das suas expressões mais acentuadas nestes contextos.

A tipologia que distingue tradicional e internalizado se delinea na perspectiva na distinção entre maneiras psico-sociais de aderir à religião e as diversas expressões que ela assume na sociedade. O tradicional tem sua ênfase na potencialidade. O internalizado aguça a consciência do cultural religioso e faz desabrochar um estilo consciente e intencional de vivência religiosa, cujo alcance e repercussões na vida social são procurados e assumidos.

O nascimento de uma publicação deixa transparecer os ideais de uma determinada corrente de pensamento, e no caso do *Dominus Vobiscum*, a defesa das práticas anteriores ao Vaticano II. No entanto, é interessante percebermos a posição do Papa Paulo VI quando se refere as mudanças conciliares

Enfim, o Sagrado Concílio, obedecendo fielmente à tradição, declara que a santa mãe igreja considera com igual direito e honra todos os ritos legitimamente reconhecidos e quer para o futuro conservá-los e de todos os modos incrementá-los, e deseja que, onde for necessário, seja cuidadosa e integralmente revistas, conforme o espírito da sã tradição e se lhes dê novo vigor como exigem as condições e necessidades dos tempos atuais (IGREJA, 1967, p. 19).

O Papa Paulo VI, no documento publicado apresentando as decisões do Vaticano II, afirma que as mudanças na liturgia católica seguem a tradição, porém, já podemos perceber nessa sua fala um ponto contrário a secular tradição católica, o ecumenismo, umas das mudanças instituídas no concílio. Antes de 1965 a Igreja Católica considerava-se o único caminho para a

salvação dos cristãos, sendo taxativa em afirmar que só existe salvação dentro da Igreja Católica, algo defendido pelo grupo que escreve o *Dominus Vobiscum*.

Porém, é perceptível na fala do Papa na inauguração do evento, a abertura feita para a aceitação de outras formas litúrgicas, sendo esses até mesmo protestantes, pois a nova missa católica, instituída a partir do Vaticano II, aproxima-se bastante dos cultos de outros grupos cristãos e não católicos. A simplificação dos ritos, linguagem vernácula, o padre voltado para a assembléia e não mais para o altar, a participação ativa da assembléia (em cânticos, leituras, ofertório), as músicas que ganharam um cunho mais popular, simplificação do simbolismo do ritual e ênfase na palavra e não apenas na comunhão, como era típico do ritual pré-Vaticano II.

Todas essas mudanças foram feitas para a facilitação da compreensão dos fiéis ao ritual litúrgico para que a igreja pudesse manter os seus seguidores, que estavam se debandando para outros credos em grande número.

No entanto, o grupo dos católicos tradicionais, como o do jornal *Dominus Vobiscum*, acredita que a igreja passou a perder sua unidade com a implantação da nova missa. Segundo eles a igreja perdeu sua identificação com os fiéis, perdeu suas raízes, como a mudança na língua. Conforme uma reportagem de sua primeira edição (2008, p. 1), alguns membros da igreja defendem um retorno ao antigo rito da missa e a unidade exercida pela celebração em latim. Papas como Bento XVI, e os anteriores ao Vaticano II, Pio X, Paulo VI, defenderam a manutenção do latim como oficial da igreja, pois é uma forma de se compreender o culto em todas as partes do mundo por qualquer católico e impede que haja tradições inadequadas a liturgia, fazendo com que ela perca o seu significado.

A resistência ao Concílio Vaticano II não se deu apenas após a sua realização. Já no período conciliar o padre Pio de Pietrelcina, que, emblematicamente, segundo uma reportagem produzida no modelo de entrevista com o padre na primeira edição do *Dominus Vobiscum* (2008, p 2), assim que percebeu a direção das mudanças em relação á liturgia pediu a referida permissão ao Papa para continuar celebrando no antigo rito e nunca celebrou uma missa no ritual pós-conciliar.

Podemos compreender essa atitude do padre Pio como uma primeira de tantas formas de resistência as mudanças, e não foi um ato isolado, como, por exemplo, Comunidade Cristã Papa Pio X, grupo de católicos tradicionais que manteve, mesmo sem a autorização papal, a liturgia anterior ao Concílio, inclusive com a manutenção da língua latina como a única em suas celebrações.

Uma das formas como o grupo que escreve o *Dominus Vobiscum* teve acesso ao debate dessas idéias contrárias ao Concílio foi através da comunidade Pio X, inclusive assistindo a missas em rito pré-conciliar que são celebradas no colégio Astra, em Campina Grande, onde o religioso Frei Matias conserva, quase totalmente, as práticas litúrgicas anteriores as que foram mudadas no Vaticano II.

Porém, é interessante percebermos que mesmo procurando manter o culto pré-conciliar, mudanças foram feitas, como os cânticos em português, a homilia, a participação de leigos, dentre outras. Santos já identificava forma de religião híbrida como essa

Está trajetória de 'aprofundamento do pensamento religioso engendra novos modos de presença na sociedade... obrigando ao estabelecimento de um novo *modus vivendi*' (SANTOS, ????:??)

Como nos fala Santos, a partir do aprofundamento de estudos da religião, pode se reconhecer como a introdução de novas formas de práticas religiosas dentro de um determinado grupo, pode fazer surgir uma nova ordem dentro da organização social, até mesmo quando estas referem a parte conservadora da religião, e não somente aos expedientes inovadores.

Um exemplo de como o novo *modus vivendi* pode ser percebido na sociedade é através das práticas e pensamentos de párocos da paróquia de Boqueirão, onde desde a década de 1970 podiam ser notadas as mudanças de posicionamento religioso, provocado pelas mudanças conciliares da década anterior.

Muita gente continua o êxodo para o sul. O cariri é uma região sem condições econômicas. A água do açude sem políticas agrícolas não muda nada. O povo continua na mesma: muita pobreza, muita fome, muitas crianças morrem pequeninas, as famílias mais pobres são supercarregadas de filhos, os jovens não encontram empregos. Só as "grandes" conseguem uma vida mais ou menos explorando os pobres. (Padre Paulo, 1975:5)

Como podemos perceber a partir daquilo que nos coloca o padre Paulo, desde a década de 1970, pouco tempo após o Vaticano II, que já em Boqueirão é possível encontrar influências diretas das mudanças do Concílio. O padre não é mais apenas um pastor voltado a arrebanhar as almas dos fiéis para a salvação desses do fogo do inferno, mas agora se tem uma preocupação com a vida social dos fiéis.

A percepção da falta de políticas públicas que fizesse com que as pessoas mais carentes de Boqueirão pudessem ter uma vida “mais ou menos” é criticada pelo pároco, que ainda percebe qual a solução do povo para a crise econômica e social na qual estava inserido, o êxodo para sudeste do país, na busca de uma qualidade de vida que não encontravam na sua cidade natal. A exploração dos pobres por parte dos ricos também é notada por padre Paulo, mas em relação a vida religiosa na cidade não há nenhuma menção.

Percebemos, assim, como o Vaticano II incidia na mudança das preocupações dos padres, agora tendo a sociedade e seus problemas no centro de suas atenções sacerdotais. A aproximação da igreja com a sociedade, como tanto almejava os conciliares, é a idéia responsável por essa nova forma de prática e pensamento religioso, percebido em Boqueirão desde a década de 1970 até o presente.

Os padres boqueirãoenses, no entanto, não ficavam apenas na pregação de novas idéias, como podemos perceber a partir do documento escrito pelo sucessor do padre Paulo na paróquia de Boqueirão, o padre francês José Janette. Esse padre, também associado às idéias relacionadas ao Vaticano II, e percebendo as condições econômicas precárias da sociedade boqueirãoense, criou olarias para a produção de tijolos para distribuir aos pobres para que esses construíssem as suas moradias.

Nessa mesma década de 1970 surgiu um movimento, que em suas raízes está associado ao Concílio Vaticano II, a Teologia da Libertação. Essa corrente de pensamento da Igreja católica procurava auxiliar as pessoas mais carentes e evangelizá-las, procurando conscientizá-los de sua situação de miséria e lutarem por melhores condições de vida.

Outra vez acompanhando Aline Coutrot que nos mostra como na França, após o Concílio, houve um maior engajamento dos jovens dentro de movimentos sociais da Igreja Católica, e que muitos desses jovens ingressavam na política partidária após suas experiências nos grupos católicos de cunho social.

Percebemos, a partir disso, como o concílio estava interferindo dentro de determinadas práticas sociais. O aumento dos jovens católicos na vida política francesa, a participação de padres de Boqueirão no auxílio e debate das condições sociais dessa cidade, a Teologia da Libertação, tudo isso se fez possível graças a aproximação da Igreja Católica dos seus fiéis e a sua abertura para a participação de leigos em seus rituais litúrgicos e novas vivências religiosas.

No entanto, o *Dominus Vobiscum* critica, enfaticamente, esse tipo de religiosidade participativa. Na quinta publicação do jornal, uma reportagem sobre um teólogo papal que condenava a Teologia da Libertação foi um dos destaques dessa edição. No jornal foi colocada a fala do teólogo que condena os católicos que seguem essa tendência de união entre a religiosidade católica e a política social, centrada no socialismo, teoria sempre combatida pela Igreja Católica. (2009, p. 2)

Outra divisão que podemos notar provocada pelo Concílio é a do católico apolítico e do militante. Os grupos tradicionais estão mais associados aos grupos sem participação em movimentos políticos e sociais, para eles a função da igreja é estritamente espiritual, de salvação de fiéis, sem mostrarem interesse no engajamento social. Já os católicos militantes são aqueles que, seguindo as idéias difundidas pelo Vaticano II, procuram maneiras de levar a religiosidade associada a um auxílio social, especialmente para as pessoas mais carentes.

É interessante percebermos, porém, como o grupo *Vobiscum* sendo tradicionalista, grupo passível de se considerado apolítico, através da publicação pode ser enquadrado como um grupo político, pois procura, através da panfletagem do jornal, difundir suas idéias e convence alguns fiéis a juntarem-se a eles nesse posicionamento religioso.

O papa Paulo VI, o pontífice que ocupava o trono de São Pedro quando do fim do Concílio, cunhou um termo interessante para a prática social dos católicos, os “atos de piedade”. No compêndio dos documentos do Concílio Vaticano II, o papa afirma que esse tipo de gesto, orientado pela Santa Sé, é recomendado. E por “atos de piedade”, a partir do concílio não é entendida apenas dá esmolas a pobres, mas ajudá-los a terem uma vida social mais satisfatória economicamente e conseguirem tornarem-se dignos cidadãos.

O estudo feito aqui procura responder a perguntas que estão muito próximas de uma historiografia social, pois procuramos perceber como o Concílio interferiu dentro de grupos longínquos, no tempo e no espaço do Vaticano II, em 1962. As mudanças dentro das práticas religiosas da Igreja Católica possibilitaram o surgimento das formas de resistência aqui descritas, uma resistência que geograficamente alheia ao Concílio, mas que debatia as idéias vinculadas ao evento, como a ressonância havida em Boqueirão quando percebemos que padres dessa cidade seguiam as idéias conciliares enquanto, no âmbito dos cristãos leigos, surgia um grupo que resistia a essas mudanças propostas.

Isso nos faz perceber que as mudanças outorgadas em esferas de destaque social não se limitam a esse grupo, mas perpassa-o, incide em outros e faz com que esses mudem também,

inclusive criando uma publicação confessional, onde se procura fazer repercutir a diversidade idéias, num universo pouco afeito as estas idéias de diversidade.

Em Boqueirão, o grupo de católicos tradicionais que buscam a rever as mudanças o Vaticano II, representa um pólo de enfrentamento a outro grupo do qual existem vários outros seguidores, missionariamente ativos, que procuram debater as idéias, hoje, dominantes dentro da igreja, os modernistas. Com o debate dessas idéias podemos perceber as relações políticas que estão presentes em cada grupo e como eles utilizam de táticas para pô-las em práticas na sociedade.

Sendo assim, nosso estudo segue essa vertente, de percebemos as mudanças na Igreja Católica e como essas mudanças não passam despercebidas dentro da sociedade, e que essas alterações são motivadas por fatores sociais, ligadas a grupos políticos da instituição católica que se processam desde 1965, com o fim do Concílio, até essa última década que estamos vivendo.

III

DO VATICANO A BOQUEIRÃO: OS DEBATES DAS MUDANÇAS NA IGREJA CATÓLICA

A convocação ao Concílio Vaticano II, em 1961, pelo papa João XXIII, foi um momento chave para todos que faziam parte da Igreja Católica, pois, esse Concílio já vinha sendo pensado pelos antecessores do Pontífice que o convocou como resposta as mudanças que o mundo, assim como a própria Igreja, sentia tão demandadas, característica da conturbada década de 1960.

“A Igreja assiste, hoje, a grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja”. (João XXIII, 1967:7)

O Papa João XXIII, já na convocação ao Concílio deixava perceber a intenção da igreja, na pessoa de seu pontífice, pois estando a sociedade passando por uma crise reconhecida, ao catolicismo se impunha a obrigação de procurar corrigir esses desvios sociais.

Assim, podemos perceber uma conseqüência imediata na medida em que como o clero, que tinha para os católicos tradicionais apenas funções espirituais, já passava a conduzir suas práticas para fins sociais.

O Concílio Vaticano II teve motivações voluntárias e involuntárias. Na década de 1960 a Igreja Católica passava por uma diminuição substancial na quantidade de seus fieis, esta redução considerável nos seguidores da igreja foi uma das causas que provocaram o Concílio, embora não única, porque oferecer resposta a um mundo em crise e demarca seu espaço político nos debates ideológicos também eram fundamentais.

Remotamente, após o imperador Teodósio tornar o cristianismo a religião oficial do Império Romano, essa, que era apenas uma seita oriental que ganhou seguidores dentro do Império, entrou em um processo de ascensão, tanto de importância social quanto em números de seguidores, especialmente e principalmente no ocidente.

Com o início do medievo houve uma consolidação na Europa, do poderio e influência do cristianismo, que se tornou hegemônico com o modelo católico. Com formação dos estados

nacionais e a união entre Estado e Igreja o poderio dos católicos continuava ascendente. Os primeiros questionamentos a Igreja Católica, de forma sistematizada, ocorreram como a Reforma e com o Iluminismo e suas críticas as trevas das crenças e valorização das luzes da razão.

No entanto, a Igreja Católica continuava uma das principais instituições europeias, e ocidental. Porém, entre o fim do medievo e o início da idade moderna os católicos sofreram o maior golpe de sua existência, a Reforma Protestante. Com a Reforma houve uma separação de parte dos fiéis e formação de novas igrejas cristãs não sendo mais exclusividade católica a condição de guardadora da fé cristã ocidental.

A emergência burguesia foi um ponto importante para o fortalecimento do protestantismo. Com as limitações que católicos impunham ao comércio durante o medievo, fez com que os comerciantes europeus aproximassem-se dos reformadores, principalmente dos calvinistas que tinham no trabalho e no acúmulo de capital um dos pontos-chaves de aproximação mútua.

Outra época que foi negativa para a Igreja Católica foi o século XVIII, especialmente a partir de 1789 quando, com a Revolução Francesa, a estabilidade política do estado monárquico absolutista apoiado por uma igreja que sustentava ideologicamente o poder terreno para poder usufruir suas benevolências foi questionado.

Com a revolução Francesa a Igreja Católica sofre um grande golpe, inicialmente na França e conseqüentemente no ocidente com a separação Estado e Igreja. Após a revolução o laicismo passou a ganhar terreno tornando-se uma das marcas políticas do ocidente.

O século XX para a Igreja Católica foi um momento de mudanças, e essas se tornaram claras e palpáveis a partir da década de 1960, com o Concílio Vaticano II. Quando se iniciou esta década a igreja percebia a diminuição dos seus fiéis, a modernidade foi reconhecida outro mal que abalava o catolicismo, pois esta era associada a atraso nos costumes e práticas, e questionava-se a importância dela para uma sociedade moderna.

No momento, pois, em que generosos e crescentes esforços de várias partes são feitas com o fim de reconstruir aquela unidade visível de todos os cristãos que correspondam ao desejo do Divino Redentor, é muito natural que o próximo Concílio ilustre mais abundantemente aqueles exemplos de criadade fraterna que tornarão ainda mais vivos nos irmãos separados o desejo do auspicioso retorno à unidade e para quem como que preparação o caminho para conseguir. (João XXXIII, 1967:9)

Como podemos perceber na citação acima, João XXIII conclama o Concílio para preparar meios que passam a provocar o desejo do auspicioso retorno a uma unidade sob o signo de uma cristandade universal, não qualquer unidade, mas a centrada na Igreja Católica, que de alguma forma restaurasse a quebra oriunda da Reforma Protestante.

O Concílio deveria criar meios para buscar esta unidade cristã. Este foi um dos motivos que provocaram o Papa a convocá-lo. No entanto, a tentativa provocou a crítica de muitos católicos tradicionalistas que acreditavam que métodos utilizados para busca desse objetivo provocaram mudanças significativas na liturgia católica, quebrando sua identidade e sua condição divina. A unidade passa a não acontecer dentro da própria instituição, pois, surge assim, dois grupos que passam a debater quais deveriam ser as práticas católicas fiéis ao que consideravam sua origem divina: os tradicionais e os modernistas.

Os católicos tradicionais continuaram a buscar fazer com que as mudanças do Vaticano II não prevaleçam dentro da igreja. Para os tradicionalistas não se deve adaptar as práticas religiosas as mudanças sociais e sim que as pessoas sigam os preceitos difundidos pela religião.

O grupo dos católicos modernistas são tidos como aqueles defensores das mudanças expressas no Concílio. Os modernistas acreditam que igreja não pode está desassociada aos acontecimentos terrenos. Uma das formas como essa vertente de pensamento tornou-se concreta pode ser percebida nos católicos militantes, como nos diz Coutrot:

Assistimos, entre os militantes, a uma espécie de secularização dos valores religiosos e uma inversão das perspectivas. É no fogo da ação que podemos encontrar os valores evangélicos, enquanto antigamente era um conjunto de crenças, pouco questionadas, que constituía a base do engajamento. (COUTROT, 2003, p. 348)

Assim, podemos perceber uma das mudanças mais significantes provocadas pelo Concílio Vaticano II, a participação dos leigos nas práticas litúrgicas e formação de grupos de fiéis em pastorais, das quais algumas são específicas de trabalho social, como a pastoral sócio-transformadora, que executa trabalhos que ajudem as pessoas mais carentes com organização e obras comunitárias.

Antes do Concílio os membros da Igreja Católica procuravam evangelizar os fiéis apenas com os ensinamentos da bíblia e da tradição católica. Após o Concílio a evangelização passou a ser sinônimo de ação social, sendo igualada a prática apostólica.

Os atos de piedade do povo cristão, conforme conquanto às leis e normas da igreja, são muito de se recomendar, principalmente, quando se fazem por ordem da Sé Apostólica.

Com empenho e paciência procurem os pastores de almas dar a formação litúrgica e promovam também a participação ativa dos fiéis[...] na convicção de que estão cumprindo um dos mais importantes deveres do fiel, dispensador dos mistérios de Deus. Neste ponto guiem o rebanho não só com palavras mas também com o exemplo. (Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada Liturgia, 1967:60)

A partir dos documentos publicados pelo Concílio podemos notar a nova posição da igreja em relação à participação dos fiéis. Antes do Vaticano II, as palavras eram a forma como a igreja tinha sua prática, após o Concílio o exemplo tornou-se uma das principais maneiras do Concílio exercer sua religiosidade, e incentivada pelos pastores de sua igreja.

Nesse sentido podemos perceber já um dos embates políticos que fizeram parte do Concílio, a função da igreja é evangelizar apenas espiritualmente, como defendem os tradicionais ou aproximar-se mais do povo utilizando dos fiéis como membros ativos em tarefas delegadas a esses?

Institucionalmente a vertente modernizadora ganhou espaço e hoje a Igreja Católica é alicerçada por parte de seus seguidores leigos que auxiliam na evangelização de outros, não tão próximos da igreja.

Além das mudanças citadas acima, outras também foram feitas durante o Concílio, como a abertura para o mundo, liberdade e respeito a outras denominações religiosas – ecumenismo, mudanças para a língua vernácula de cada local onde estivesse sendo celebrada o culto católico, e principalmente, um dos pontos mais controversos das mudanças, as mudanças litúrgicas feitas dentro do Concílio.

Todas as mudanças causaram debates entre os grupos católicos, no entanto, temos que perceber uma diferença significativa desse XXI Concílio Católico para os demais. O Vaticano II foi eminentemente um Concílio de orientação pastoral. O mais comum dentre os outros realizados pela Igreja Católica era a definição de práticas que não condiziam com os dogmas defendidos pela Igreja Católica, as heresias.

No século XX o ocidente já tinha acesso às doutrinas católicas e muitos deles a deixaram por seu culto não ser atrativo e de fácil entendimento. Nesse sentido, o Vaticano II não foi

pensado para criar heresias, algo que afastava praticantes por condenar determinadas condutas. As mudanças que o Vaticano II introduziu na Igreja Católica tinham como uma de suas principais funções, diminuir as distâncias do clero com os fiéis. Apesar de alguns membros da igreja pregarem que no Concílio foram mantidas as tradições da instituição, mudanças significativas foram feitas.

A mudança da língua da liturgia foi algo que causou grande mal-estar entre os membros tradicionais da igreja. Em 1962, quando iniciou o Concílio, como já afirmado acima, por ser uma assembléia pastoral e não de formação de heresias, ela direcionou a igreja a uma abertura aos novos tempos que tinha como característica a aproximação aos fiéis e deixando em plano secundário uma de suas características secular, o dogmatismo para a salvação do espírito.

É nesse contexto de abertura e debates de doutrinas que podemos enquadrar o jornal que nos serviu como fonte de estudo para a compreensão de como o Vaticano II influenciou na religiosidade de um grupo católico em Boqueirão. No entanto, já afirmamos que o jornal, *Dominus Vobiscum*, temporalmente, está distante da época conciliar, mas resgatou esse debate para a atualidade, sendo testemunho da influência da religião, e em especial do debate religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo procurou seguir as pistas indicadas pelos documentos que tivemos acesso para responder a alguns questionamentos que nos levantamos a respeito das mudanças que ocorreram na igreja Católica a partir da segunda metade do século passado. Com o surgimento de práticas religiosas que muitas vezes contradiziam as práticas tradicionais da instituição e modelos de religiosidade assentados em séculos de costumes foram preteridos em detrimento a forma de expressões religiosas que eram mais aceitáveis para o novo momento histórico que surgia no horizonte, não só religioso como social e cultural.

As novas práticas católicas, no entanto, não foram aceitas por todos os seus clérigos e seus membros não regulares. A partir da não aceitação surge uma resistência na cidade de Boqueirão por parte de leigos que condenam as reformas produzidas pela igreja e propõem o retorno aos moldes préconciliares.

Através da publicação de um jornal, o *Dominus Vobiscum*, um grupo de católicos tradicionais combatem as mudanças e publicando textos de bispos, padres, papas, dentre outros que defendam o mesmo posicionamento defendido por eles, criaram uma bandeira e espaço para tornar conhecido os costumes préconciliares.

A partir do estudo do concílio através de documentos publicados pela igreja católica e das publicações do periódico estudado, procuramos levar a diante esse estudo que nos possibilitara conhecermos os debates políticos católicos que possibilitaram essas mudanças e como elas repercutiram, em especial em Boqueirão onde surgiu um grupo de pessoas contrárias as mudanças conciliares e produziram um espaço para a divulgação de suas idéias.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIELER, André. *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Crença e identidade, campo religioso e mudança cultural. In SANCHIS, Pierre. (Org.). *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- CAMARGO
- CARDOSO, Ciro Flamarion. & BRINGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1983
- COUTROT, Aline. Religião e Política. In REMONND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- FOLLMANN, José Ivo, *O cotidiano religioso católico numa paróquia suburbana da região metropolitana de Porto Alegre, RS* In SANCHIS, Pierre. *Catolicismo: cotidiano e movimentos*. São Paulo: Loyola, 1992.
- IGREJA Católica Apostólica Romana. *Concílio ecumênico Vaticano II. Constituições, decretos, declarações, documentos e discursos pontifícios*. São Paulo: Paulinas, 1967.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos, In PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- REMONND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.